

**PIERRE
BOURDIEU**

**A ECONOMIA
DAS TROCAS
SIMBÓLICAS**

**estudos
estudos
estudos**



PERSPECTIVA

existente), trazem consigo as normas de sua própria percepção. Aos devotos da cultura votados ao culto das obras consagradas dos profetas defuntos, e tanto aos sacerdotes da cultura como aos professores, ambos devotados à organização deste culto, opõem-se os profetas culturais que enfrentam a rotina do fervor ritualizado até o momento em que se tornem, por sua vez, o objeto do culto rotineiro de novos sacerdotes e novos devotos. Se é verdade que, como afirma Franz Boas, "o pensamento do que chamamos as classes cultivadas é regulado sobretudo pelos ideais transmitidos pelas gerações passadas"³², pode-se dizer que a falta de formação artística não é a condição necessária nem a condição suficiente à percepção adequada das obras inovadoras, ou então, *a fortiori*, da produção de tais obras. A ingenuidade do olhar não passa, neste contexto, da forma suprema do refinamento do olho. O fato de ser destituído de chaves não predispõe de modo algum à compreensão das obras que exigem tão somente se rejeitem todas as chaves antigas esperando-se assim que a própria obra ofereça a chave de seu próprio deciframento. Como se vê, eis a atitude que os mais desfavorecidos diante da arte não parecem dispostos a tomar. Se as formas mais inovadoras da arte não-figurativa só se deixam captar por uns poucos virtuosos (cujas posições de vanguarda devem sempre algo à posição que ocupam no campo intelectual e, de modo mais geral, na estrutura das relações de classe), é porque exigem a aptidão necessária para romper com todos os códigos, desde o código da percepção cotidiana, e porque tal disposição generalizável e transferível só pode ser adquirida através do convívio com obras que exigem códigos diferentes e através da experiência da história da arte enquanto sucessão de rupturas com os códigos estabelecidos. Em suma, a aptidão para abandonar provisoriamente todos os códigos disponíveis concentrando-se na própria obra, naquilo que ela tem de mais insólito à primeira vista, implica no domínio prático *do código dos códigos* que regulamenta a aplicação adequada dos diferentes códigos sociais objetivamente exigidos pelo conjunto das obras oferecidas em um dado momento do tempo e que, a despeito de seu universalismo aparente, deve sua raridade e seu valor ao fato de que tal aptidão constitui um produto muito particular de uma situação histórica particular e de condições sociais de exceção.

(32) F. Boas. *Anthropology and modern life*. New York, W. W. Norton and Co., 1962, p. 196.

7. Reprodução Cultural e Reprodução Social*

A sociologia da educação configura seu objeto particular quando se constitui como ciência das relações entre a reprodução cultural e a reprodução social, ou seja, no momento em que se esforça por estabelecer a contribuição que o sistema de ensino oferece com vistas à reprodução da estrutura das relações de força e das relações simbólicas entre as classes, contribuindo assim para a reprodução da estrutura da distribuição do capital cultural entre as classes. A ciência da reprodução das estruturas entendidas como sistema de relações objetivas capaz de transmitir suas propriedades de relação aos indivíduos aos quais tais propriedades preexistem e aos quais sobrevivem, não tem nada a ver com o registro analítico das relações que se estabelecem no âmbito de determinada população. Este postulado tanto se aplica à conexão entre o êxito escolar das crianças e a posição social de suas famílias como no caso das relações entre as posições ocupadas pelas crianças e pelos pais. Destarte, o modo de pensamento substancialista que, limitando-se aos elementos diretamente detectáveis, a saber os indivíduos, abstrai, fazendo a mímica de fidelidade ao real, a estrutura de relações de onde os indivíduos recebem todas suas determinações sociologicamente pertinentes, acaba envolvendo-se com a análise dos processos de mobilidade entre gerações em detrimento do estudo dos mecanismos tendentes a assegurar a reprodução da estrutura das relações entre as classes. De outro lado, tal pensamento ignora que a mobilidade controlada de uma catego-

(*) "Reproduction culturelle et reproduction sociale". Comunicação apresentada ao Colóquio da Associação Britânica de Sociologia, Durham, (abril de 1970), e posteriormente publicada com o mesmo título in *Information sur les Sciences Sociales*, X, 2, 1971, pp. 45-79. Tradução de Sergio Miceli, com base nas duas versões acima referidas.

ria limitada de indivíduos cuidadosamente selecionados e modificados pela e para a ascensão individual, não é incompatível com a permanência estrutural podendo até mesmo contribuir, através da única modalidade concebível em sociedades que se pretendem democráticas, para a estabilidade social e, por esta via, para a perpetuação da estrutura de relações de classe.

Romper com o atomismo substancialisa sem chegar ao exagero de certos estruturalistas que transformam agentes em meros "suportes" de estruturas investidas com o poder, assaz misterioso, de determinar outras estruturas, é o mesmo que tomar como objeto o processo de educação, vale dizer, a produção do sistema de disposições que é o *habitus*, mediação entre as estruturas e a prática. Em termos mais precisos, é preciso conhecer as leis segundo as quais as estruturas tendem a se reproduzir produzindo agentes dotados do sistema de disposições capaz de engendrar práticas adaptadas às estruturas e, portanto, em condições de reproduzir as estruturas. A partir desta perspectiva teórica, a sociologia das instituições de ensino e, em particular, das instituições de ensino superior, pode trazer uma contribuição decisiva à ciência da dinâmica da estrutura das relações de classe, problema muitas vezes negligenciado pela sociologia política. Na verdade, dentre as soluções historicamente conhecidas quanto ao problema da transmissão do poder e dos privilégios, sem dúvida a mais dissimulada e por isto mesmo a mais adequada a sociedades tendentes a recusar as formas mais patentes da transmissão hereditária do poder e dos privilégios, é aquela veiculada pelo sistema de ensino ao contribuir para a reprodução da estrutura das relações de classe dissimulando, sob as aparências da neutralidade, o cumprimento desta função.

O PAPEL DO SISTEMA DE ENSINO NA REPRODUÇÃO DA ESTRUTURA DE DISTRIBUIÇÃO DO CAPITAL CULTURAL

A definição tradicional do "sistema de educação" como o conjunto dos mecanismos institucionais ou habituais pelos quais se encontra assegurada, segundo a expressão de Durkheim, "a conservação de uma cultura herdada do passado", ou seja, a transmissão entre gerações da informação acumulada, permite às teorias clássicas dissociar a função de reprodução cultural que cabe a qualquer sistema de ensino, de

sua função de reprodução social. Transpondo-se para o caso das sociedades divididas em classes a representação da cultura e da transmissão cultural em geral aceita pelos etnólogos, tais teorias baseiam-se no postulado tácito de que as diferentes ações pedagógicas que operam em uma formação social, vale dizer, tanto aquelas que as famílias das diferentes classes sociais exercem como a que a escola exerce, colaboram harmoniosamente na transmissão de um patrimônio cultural concebido como uma propriedade indivisa do conjunto da "sociedade".

De fato, a estatística de frequência ao teatro, ao concerto e sobretudo ao museu (uma vez que neste último caso, talvez seja quase nulo o efeito de obstáculos econômicos) basta para lembrar que o legado de bens culturais acumulados e transmitidos pelas gerações anteriores, pertence *realmente* (embora seja *formalmente* oferecido a todos) aos que detêm os meios para dele se apropriarem, quer dizer, que os bens culturais enquanto bens simbólicos só podem ser apreendidos e possuídos como tais (ao lado das satisfações simbólicas que acompanham tal posse) por aqueles que detêm o código que permite decifrá-los. Em outros termos, a apropriação destes bens supõe a posse prévia dos instrumentos de apropriação. Em suma, o livre jogo das leis da transmissão cultural faz com que o capital cultural retorne às mãos do capital cultural e, com isso, encontra-se reproduzida a estrutura de distribuição do capital cultural entre as classes sociais, isto é, a estrutura de distribuição dos instrumentos de apropriação dos bens simbólicos que uma formação social seleciona como dignos de serem desejados e possuídos.

Para tanto, primeiro é preciso observar que a estrutura da distribuição das classes ou frações de classe segundo a parcela reservada aos consumos culturais corresponde, com desnível mínimo (os empresários industriais e os grandes comerciantes ocupam uma posição inferior à posição dos gerentes e dos membros das profissões liberais ou dos dirigentes dos escalões intermediários), à estrutura de distribuição segundo a hierarquia do capital econômico e do poder:

Quadro 1. Parcela das despesas culturais no orçamento das diferentes categorias socioprofissionais

Despesas	Consumo cultural ¹							
	Assala- riados agri- colas	Pro- prietá- rios agri- colas	Operá- rios	Peque- nos comer- ciantes	Fun- cioná- rios	Técni- cos e diri- gentes de es- calões inter- mediá- rios	Indus- triais e gran- des co- mer- cian- tes	Pro- fissio- nais libe- ren- tes e diretores de em- presa
Cultura e lazer: Bens duráveis	0,6	0,5	0,8	0,8	1,4	2,8	1,5	3,6
Cultura e lazer: Outras despesas	1,6	1,9	2,2	2,2	3,2	3,6	3,3	6,2
Outras despesas	97,8	97,6	97	97	95,4	93,6	95,2	90,2
Consumo total	100	100	100	100	100	100	100	100

As diferentes classes ou frações de classe organizam-se em torno de três posições básicas: a posição inferior, ocupada pelas profissões agrícolas, operários e pequenos comerciantes, que correspondem às categorias excluídas da participação na cultura "nobre"; a posição média, ocupada pelos funcionários, empresários industriais e comerciantes de um lado, e os técnicos e dirigentes de nível médio de outro (que estão quase tão afastados das duas outras categorias como estas das categorias inferiores); a posição superior, ocupada pelos grandes administradores e diretores e pelos membros das profissões liberais.

Observa-se a mesma estrutura sempre que se medem as práticas culturais e, em particular, aquelas que exigem uma disposição cultivada, como a leitura, a freqüência ao teatro, a concertos, ao cinema de arte ou a museus, sendo que as únicas deformações devem-se à utilização de princípios diversos de classificação.

Embora as estatísticas que se baseiam nas declarações dos entrevistados e não em observação direta acabem superestimando a intensidade da prática (devido à propensão das pessoas entrevistadas a se aproximarem, pelo menos por meio do discurso, da prática reconhecida como legítima), elas permitem detectar a estrutura real da distribuição do capital cultural. Para tanto, basta observar que a estatística de aquisição de livros omite a distinção entre os pequenos patrões artesãos e comerciantes, dos quais sabe-se que possuem práticas bem próximas às dos operários, e os grandes empresários da indústria e do comércio cujo consumo cultural é semelhante ao dos técnicos e dirigentes médios. Do mesmo modo, a estatística dos leitores de livros (livros comprados, mas também, é claro, emprestados ou lidos em bibliotecas, o que explica o traslado para o topo da estrutura) reagrupa artesãos e comerciantes que possuem uma prática cultural muito baixa e os técnicos e dirigentes de nível médio com práticas bem superiores às dos funcionários.

Embora relativamente incongruentes, as categorias utilizadas no tocante ao nível de instrução permitem uma comparação mais direta sendo que todas evidenciam a existência de uma relação extremamente sólida entre as diversas práticas "legítimas" e o nível de instrução.

Quadro 2 *Variações da prática e do consumo culturais segundo as categorias sócio-profissionais (porcentagens)*

Compradores de livros durante o mês de julho/1967 ²	Leitores de livros ³	Frequência regular: teatro, concerto e cinema na região parisiense ⁴	C O N C I N E M A			Foram ao teatro ao menos uma vez em 1964 ⁵ (índice nacional)
			T E A T R O	N O O	C I N E M A	
Agricultores 14	Agricultores e assalariados agrícolas 15,5	Agricultores 21 8 70				18
Operários 22	Operários 33,0	Operários 46 14 71				17
Empresários industriais e grandes comerciantes 31	Funcionários 53,5	Comerciantes e artesãos 47 22 80				22
Funcionários e técnicos e dirigentes de nível médio 39	Artesãos, comerciantes e técnicos de nível médio 51,5	Funcionários e técnicos de nível médio 65 33 81				32
Profissionais liberais, administradores e diretores 50	Industriais, profissionais liberais e altos dirigentes 72	Industriais, altos dirigentes e profissionais liberais				63

(2) Sindicato Nacional dos Editores, *A clientela do Livro*, julho de 1967, pesquisa realizada pelo I.F.O.P.

(3) Sindicato Nacional dos Editores, *A Leitura e o Livro na França*, jan.-abr. de 1960, pesquisa realizada pelo I.F.O.P.

(4) Pesquisa sobre a frequência ao teatro na região parisiense, I.F.O.P., 1964.

(5) Pesquisa sobre frequência a cinema, S.O.F.R.E.S., junho de 1964. As taxas fixadas pela pesquisa da S.O.F.R.E.S. são nitidamente inferiores, sobretudo no tocante às classes médias, àquelas fornecidas pela pesquisa do I.F.O.P. Sem dúvida tal diferença deve-se ao fato de que a pesquisa da S.O.F.R.E.S. abrangia uma amostra nacional ao passo que a do I.F.O.P. englobava apenas a região parisiense. Sabendo-se que a estrutura das relações entre as classes é nitidamente distinta em Paris e na província, sobretudo em questões culturais (a distância entre as classes superiores e as classes médias é bem menos marcada em Paris) e levando-se em conta que a S.O.F.R.E.S. fazia entrevistas tomando como critério a frequência real ao teatro e não um ritmo de frequência "habitual" (frequência real no sentido restritivo, ou seja, em oposição à ópera, à ópera e ao teatro de variedades, que também eram objeto de questões) durante o ano anterior. Apesar disso, o relatório da S.O.F.R.E.S. observa com razão que as taxas de frequência são certamente superestimadas porque, de um lado, a pergunta não distinguia o teatro profissional do amador (em 1963, houve 19 000 representações de amadores na província e apenas 13 000 representações profissionais) e, de outro, pode-se supor que as recusas de resposta foram mais numerosas entre os frequentadores ocasionais e que os entrevistados exageraram a importância de uma prática cultural de prestígio.

Quadro 3. *Variações da prática e do consumo culturais segundo o nível de instrução (porcentagens)*

Compradores de livros durante o mês de junho/1967 ⁶	Leitores de livros ⁷	Frequência regular				Foram ao teatro
		Teatro ⁸	Concerto-s	Cinema	Cinema de arte	
Primário 15	Primário 28	18	7	3	2	ao menos 1 vez em 1964
						41
Secundário 44	60	57	25	15	12	ao menos 1 vez em 1964
						69
Superior 64	80	69	43	32	21	ao menos 1 vez em 1964
						69

(6) Ver nota 1.

(7) Ver nota 2.

(8) Ver nota 3.

Dentre todas as práticas culturais, a frequência ao cinema em sua forma comum é a menos estreitamente vinculada ao nível de instrução (sem dúvida, eis uma das propriedades mais significativas das "artes médias" erroneamente designadas "artes de massa"), ao contrário da frequência a concertos, prática mais rara que a leitura e a frequência a teatros. Não obstante, o cinema tende a adquirir o poder de *distinção social* reservado até então às artes consagradas, sendo possível perceber tal mutação através da estatística de frequência aos cinemas de arte.

Mais segura por estar fundamentada na mensuração das práticas efetivas e não em declarações dos entrevistados, a pesquisa realizada pelo Centro de Sociologia Européia junto ao público dos museus europeus permite a construção do sistema de condições sociais de produção dos "consumidores" dos bens culturais considerados os mais dignos de serem consumidos, vale dizer, os mecanismos de reprodução da estrutura da distribuição do capital cultural que se manifesta na estrutura da distribuição dos consumidores do museu, do teatro, do concerto, do cinema de arte e, em geral, de todos os bens simbólicos que constituem a cultura "legítima". Aumentando bastante à medida que se eleva o nível de instrução, a frequência a museus é quase exclusivamente uma atividade das classes privilegiadas. A proporção das diferentes categorias socioprofissionais no público dos museus franceses corresponde quase exatamente à razão inversa de sua proporção na população global. Sabendo-se que o visitante típico dos museus franceses é bacharel (55% dos visitantes possuem ao menos o diploma de conclusão do secundário), compreende-se por que a estrutura do público distribuído segundo a categoria social seja semelhante à estrutura da população dos estudantes das faculdades francesas distribuídos conforme a extração social: a parcela de agricultores é de 1%, 4% de operários, 5% de artesãos e pequenos comerciantes, 23% de funcionários e técnicos e dirigentes de nível médio (sendo que 5% são professores primários), e 45% das classes superiores. Em lugar da taxa de representação das diversas categorias de visitantes no conjunto do público dos museus, se utilizarmos a probabilidade de ingresso das diversas categorias em um museu, durante certo período de tempo, constata-se (vide quadro abaixo) que, mantendo-se fixo o nível de instrução, o conhecimento do sexo ou da categoria socioprofissional dos visitantes só contribui com al-

gumas poucas informações complementares (com um mesmo nível de instrução, observa-se que os professores e especialistas em arte apresentam uma prática cultural nitidamente superior àquela das demais categorias e, principalmente, àquela das outras frações das classes dominantes).

Quadro 4. Taxa de frequência anual dos museus franceses conforme as categorias socioprofissionais⁹ (esperança matemática de visitas durante um ano, em porcentagem)

	Sem diploma	Certificado de conclusão primário	Certificado de conclusão 1º ciclo secund.	Certificado de conclusão 2º ciclo secund.*	Licenciatura e outros títulos acadêmicos.**	Conjunto
Agricultores	0,2	0,4	20,4			0,5
Operários	0,3	1,3	21,3			1
Artesãos e comerciantes	1,9	2,8	30,7	59,4		4,9
Funcionários e técnicos/nível médio		2,8	19,9	73,6		9,8
Técnicos e altos dirigentes, empresários e profissionais liberais		2,0	12,3	64,4	77,6	43,3
Professores, especialistas em arte			(68,1)	153,7	(163,8)	151,5
Conjunto	1	2,3	24	70,1	80,1	6,2
Homens	1	2,3	24,4	64,5	65,1	6,1
Mulheres	1,1	2,3	23,2	87,9	122,8	6,3

Em suma, todas as relações observadas entre a frequência ao museu e outras variáveis como a classe ou a fração de classe, a idade, a renda ou o domicílio, reduzem-se quase

(9) Ver P. Bourdieu e A. Darbel. *L'amour de l'art, les musées d'art européens et leur public*. Paris, Ed. de Minuit, 2ª edição, 1969, p. 40.

(*) Trata-se do "bacharelado" (*baccalauréat*) que, no sistema de ensino francês, constitui ao mesmo tempo o certificado de conclusão do 2º ciclo secundário e o primeiro título universitário. Há os "bacharelados" moderno, clássico e técnico. Em português, existe a palavra *bacalaureato* mas preferimos omiti-la. (N. do T.).

(**) A licenciatura (*licence*) é um título universitário intermediário entre o de bacharel e o de doutor. (N. do T.).

que totalmente à relação entre o nível de instrução e a frequência. A existência de uma relação tão forte e tão exclusiva entre o nível de instrução e a prática cultural não deve dissimular o fato de que, dados os pressupostos implícitos que a orientam, a ação do sistema escolar somente alcança sua máxima eficácia na medida em que se exerce sobre indivíduos previamente dotados pela educação familiar de uma certa familiaridade com o mundo da arte. Na verdade, tal processo se desenvolve como se a ação escolar, que só atinge de forma bastante desigual (mesmo do ponto de vista da duração) as crianças das diferentes classes sociais e cujo êxito junto aos que atinge também é muito desigual, tendesse a duplicar e a consagrar por meio de suas sanções as desigualdades iniciais. O que se pretende medir através do nível de instrução é apenas a acumulação dos efeitos resultantes da formação adquirida por meio da família e da aprendizagem escolar que já supunham tal formação prévia. Por exemplo, a parcela daqueles que receberam de sua família uma iniciação precoce em arte aumenta bastante quando eleva-se o nível de instrução. Tal sucede porque, em primeiro lugar, a apropriação das obras de arte depende em sua intensidade, em suas modalidades e em sua própria existência, do domínio que o espectador possui dos instrumentos de apropriação disponíveis e, mais ainda, do código genérico e específico da obra, ou por assim dizer, dos esquemas de interpretação propriamente artísticos e diretamente adequados a cada obra particular sendo tais esquemas a condição de deciframento da obra¹⁰. No caso especial das obras de cultura erudita, o domínio do código não pode ser completamente adquirido pela aprendizagem corriqueira e difusa da existência cotidiana, sendo portanto necessário um ensino metodicamente organizado por uma instituição montada com este objetivo. Como o rendimento da comunicação pedagógica, responsável pela transmissão do código das obras de cultura erudita, é função da competência cultural que o receptor deve à educação familiar, o êxito da transmissão vai depender do grau de proximidade do código familiar junto à cultura erudita que a escola transmite e dos modelos lingüísticos e culturais segundo os quais se efetua tal transmissão.

(10) Para nos convenceremos de que, em matéria de cultura, a raridade específica refere-se não aos bens mas aos instrumentos de apropriação destes bens, basta considerar as estatísticas mostrando que a posse dos instrumentos materiais de apropriação da Música (como se sabe, tal posse aumenta em função da renda e do nível de instrução) não é suficiente para assegurar a apropriação simbólica. Assim, a amplitude da variação de audiência de France-Musique (que transmite quase exclusivamente música clássica, numa proporção de 96,6 horas semanais) ainda é bastante grande entre os proprietários de aparelhos de frequência modulada (Ver quadro anexo).

Posse e utilização de vitrolas e rádios com frequência modulada

Proprietários de uma vitrola ou toca-discos	Proprietários de rádio com frequência modulada	Índice de audiência/ "FranceMusique"			Índice de audiência/ "France-Musique" num determinado dia:	
		diariamente	2 ou 3 vezes por semana	menos de 2 vezes	dentre 100 dos que não possuem aparelhos com freq. modulada	dentre 100 que possuem aparelhos c/ freq. modulada
Agricultores 12,6	Assal. agrícolas 0,8 Pequenos proprietários rurais 1,7	0,2	0,7	1,4	97,7	1,4
Operários 32,4	Operários 3,5	0,9	1,5	1,8	95,8	4,2
Funcionários 48,5	Pequenos empresários 5,6 Técnicos e dirigentes de nível médio e funcionários 9,6	0,6	1,6	2,8	95,0	7,2
Empresários industriais e comerciantes 41,7	Técnicos e altos dirigentes e grandes empresários 19,9	0,8	2,8	2,7	93,7	10,9
Técnicos e dirigentes de nível médio 60,9		2,2	2,2	4,5	91,1	2,2
Profissionais liberais, dirigentes e técnicos 81,2		5,7	6,1	5,4	82,8	12,1

Uma vez que a recepção da mensagem pictórica e a aquisição institucionalmente organizada da competência cultural que constitui a condição para a recepção desta mensagem, encontram-se sujeitas às mesmas leis, compreende-se como é difícil romper o círculo que faz com que o capital cultural retorne ao capital cultural. O museu que delimita seu público e que legitimando sua qualidade social apenas através de seu "nível de emissão"¹¹, vale dizer, somente porque pressupõe a posse de um código cultural mais ou menos complexo, e por conseguinte mais ou menos raro, e necessário ao deciframento das obras expostas, constitui em certo sentido o limite a que tende uma ação escolar (poder-se-ia dizer uma pedagogia se, no caso particular, não fosse bem mais adequado chamá-la uma pedagogia da não-pedagogia) que exige implicitamente daqueles sobre os quais ela opera que possuam as condições necessárias à sua plena produtividade. O sistema de ensino reproduz tanto melhor a estrutura de distribuição do capital cultural entre as classes (e as frações de classe) quando a cultura que transmite encontra-se mais próxima da cultura dominante e quando o modo de inculcação a que recorre está menos distante do modo de inculcação familiar. Na medida em que opera através de uma relação de comunicação, a ação pedagógica visando inculcar a cultura dominante não pode furtar-se (mesmo parcialmente) às leis gerais da transmissão cultural segundo as quais a apropriação da cultura proposta (e em consequência, o êxito do empreendimento de aprendizagem sancionado por títulos escolares) depende da posse prévia dos instrumentos de apropriação apenas na medida em que fornece explícita e expressamente, na própria comunicação pedagógica, os instrumentos indispensáveis ao êxito da comunicação os quais, em uma sociedade dividida em classes, são distribuídos de forma bastante desigual entre as crianças das diferentes classes sociais. Pela prática de uma pedagogia implícita que exige a familiaridade prévia com a cultura dominante e que procede pela técnica de familiarização insensível, um sistema de ensino propõe um tipo de informação e de formação acessíveis exclusivamente àqueles sujeitos dotados do sistema de disposições que constitui a condição do êxito da transmissão e da inculcação da cultura. Eximindo-se de oferecer a todos explicitamente o que exige de todos implicitamente, quer exigir de todos uniformemente que tenham o que não lhes foi dado, a saber, sobretudo a competência lingüística e cultural e a relação de inti-

(11) A respeito desta noção, ver P. Bourdieu e A. Darbel, *op. cit.*, pp. 104-110.

midade com a cultura e com a linguagem, instrumentos que somente a educação familiar pode produzir quando transmite a cultura dominante. Em suma, uma instância oficialmente incumbida de assegurar a transmissão dos instrumentos de apropriação da cultura dominante que não se julga obrigada a transmitir metodicamente os instrumentos indispensáveis ao bom êxito de sua tarefa de transmissão, está destinada a transformar-se em monopólio das classes sociais capazes de transmitir por seus próprios meios, quer dizer, mediante a ação de educação contínua, difusa e implícita, que se exerce nas famílias cultivadas (muitas vezes sem que o saibam aqueles que a exercem e aqueles que a recebem), os instrumentos necessários à recepção de sua mensagem e necessários para assegurar a essas classes o monopólio dos instrumentos de apropriação da cultura dominante, e por esta via, o monopólio desta cultura¹². Quanto mais a ação escolar se aproxima deste limite, tanto mais o valor que o sistema escolar concede aos produtos do trabalho pedagógico realizado pelas famílias das diversas classes sociais encontra-se intimamente vinculado ao valor enquanto capital cultural que é conferido, no âmbito de um mercado dominado pelos produtos do trabalho pedagógico das famílias das classes dominantes, à competência lingüística e cultural que as diferentes classes ou frações de classe estão em condições de transmitir, tendo em vista sobretudo a cultura de que dispõem e o tempo que podem dedicar à sua transmissão explícita ou implícita. Em outros termos, tudo depende da distância entre a competência lingüística e cultural implicitamente exigida pela transmissão escolar da cultura escolar (ela própria mais ou menos afastada da cultura dominante) e a competência lingüística e cultural inculcada pela primeira educação nas diversas classes sociais.

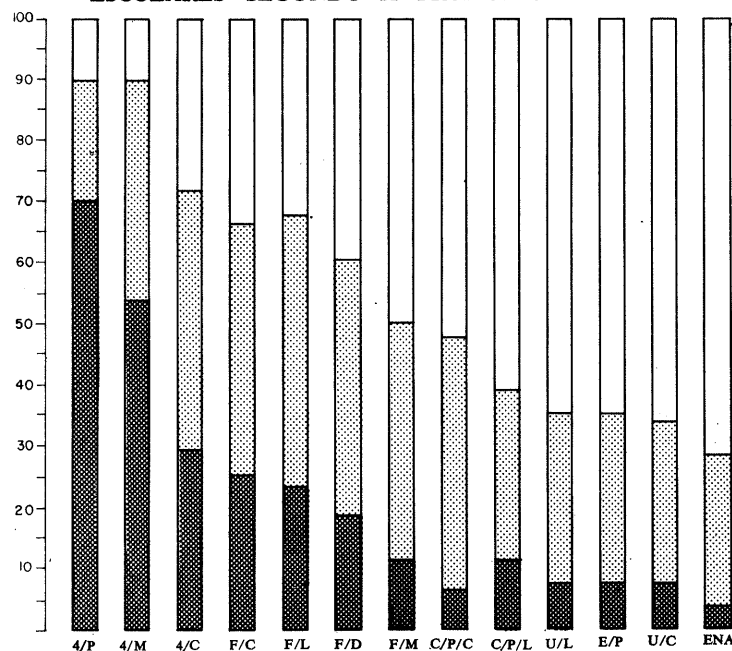
As leis do mercado escolar são visíveis nas estatísticas capazes de mostrar que, desde o ingresso no ensino secundário até as universidades, a hierarquia dos estabelecimentos escolares, ou então, no interior deles a hierarquia das seções e disciplinas segundo seu prestígio e segundo o valor escolar que conferem a seu público, corresponde estritamente à hierarquia destas instituições (ver quadro anexo) de acordo com a estrutura social de seu público. Logo, as classes e as frações de classe mais ricas em capital cultural fazem-se cada vez mais presentes quanto mais cresce a raridade e, ao mesmo

(12) A relação extremamente forte que se observa, de um lado, entre a frequência a museus e o nível de instrução, e de outro, a precocidade do acesso às obras de arte, deve ser compreendida segundo esta lógica.

tempo, o valor escolar e o rendimento social dos títulos escolares. Tal sucede porque, em virtude da pequena autonomia real de um sistema escolar incapaz de afirmar a especificidade destes princípios de avaliação e de seu modo próprio de produção das disposições cultivadas, a relação entre as ações pedagógicas exercidas pelas classes dominadas e pelas classes dominantes pode ser entendida por analogia com a relação que se estabelece, no plano econômico, entre modos de produção de épocas diversas, ou seja, quando por exemplo em uma economia dualista, os produtos de um artesanato tradicional encontram-se submetidos às leis de um mercado dominado pelos produtos em série de uma indústria altamente desenvolvida. Os produtos simbólicos do trabalho pedagógico das diferentes classes sociais — isto é, além do saber e do saber fazer, as maneiras de ser, dizer e fazer —, possuem tanto menos valor no mercado escolar e, em geral, no mercado simbólico (por exemplo nas trocas matrimoniais) e no mercado econômico (pelo menos na medida em que suas sanções dependem da consagração escolar) quanto mais distante o modo de produção simbólico de que são o produto encontra-se do modo de produção dominante, a saber, as normas educativas das classes sociais em condições de impor a dominação dos critérios de avaliação mais favoráveis a seus produtos. É segundo esta lógica que se deve compreender o valor eminente que o sistema de ensino francês confere a modalidades sutis de relação com a linguagem e com a cultura, como por exemplo a intimidade, a elegância, o “natural” ou a “distinção”. Estas são algumas das maneiras de utilizar bens simbólicos que devem representar a excelência em matéria de cultura (em detrimento das disposições produzidas pela escola e, paradoxalmente, desvalorizadas pela própria escola como “escolares”) pelo fato de que pertencem apenas àqueles que adquiriram a cultura, ou ao menos, as disposições necessárias à aquisição da cultura escolar por familiarização, vale dizer, através da aprendizagem imperceptível imposta pela educação familiar como modo de aquisição dos instrumentos de apropriação da cultura dominante cujo monopólio encontra-se em mãos das classes dominantes.

A eficácia específica das sanções do mercado escolar resultam do fato de que tais sanções se exercem com todas as aparências da legitimidade. Na verdade, tudo se passa como se os agentes ajustassem os investimentos que realizam na produção para o mercado escolar — investimentos em trabalho e aplicação escolar para os alunos, investimentos em tempo, em esforços e em dinheiro para as famílias — aos

ESTRUTURA DE DIFERENTES PÚBLICOS ESCOLARES SEGUNDO A PROFISSÃO DO PAI



■ classes populares

▨ classes médias

□ classes superiores

4º/P = prático ou técnico (nível secundário)

4º/M = moderno (nível secundário)

4º/C = clássico (nível secundário)

F/C = Faculdade de Ciências

F/L = Faculdade de Letras

F/D = Faculdade de Direito

F/M = Faculdade de Medicina

C/P/C ("Taupes") = classes preparatórias em ciências *

C/P/L ("Khâgnes") = classes preparatórias em letras **

U/L = Ulm/Letra ***

E/P = Escola Politécnica

U/C = Ulm/Ciências

ENA = Escola Nacional de Administração ****

(*) "Taupes" = classes preparatórias para as grandes escolas científicas (Ulm, Politécnica, Central, Minas), ligadas ao ensino secundário.

(**) "Khâgnes" = classes preparatórias para as Escolas Normais Superiores, área de letras, de Ulm e de Sèvres, também ligadas ao ensino secundário.

(***) Ulm: Escola Normal Superior (da rua com o mesmo nome). Esta Escola inclui duas seções (letras e ciências) e recruta através de concurso após dois ou três anos de passagem pelas classes preparatórias um número restrito de alunos (rapazes) que se tornarão, em sua maioria, professores no ensino superior ou pesquisadores.

(****) A Escola Nacional de Administração recruta por concurso os futuros altos funcionários. É preciso distinguir entre os alunos ou estudantes recrutados pelo primeiro concurso que de fato deverão ocupar os postos mais altos na administração e os funcionários recrutados pelo segundo concurso.

lucros que esperam obter a médio ou a longo prazo nesse mercado, como se o preço que eles conferem às sanções do mercado escolar fosse função do preço que lhes conferem as sanções deste mercado e do grau em que seu valor econômico e simbólico depende do valor que lhes concede o mercado escolar. Desta maneira, as disposições negativas no tocante à escola que levam a maioria das crianças das classes e frações de classe mais desfavorecidas culturalmente à auto-eliminação, como por exemplo a depreciação de si mesmo, a desvalorização da escola e de suas sanções ou a resignação ao fracasso e à exclusão, devem ser compreendidas em termos de uma antecipação fundada na estimativa inconsciente das probabilidades objetivas de êxito viáveis para o conjunto da categoria social, sanções que a escola reserva objetivamente às classes ou frações de classe desprovidas de capital cultural. O sistema de disposições em relação à escola é o produto da interiorização do valor que o mercado escolar (antecipando por suas sanções formalmente neutras as sanções do mercado simbólico ou econômico) confere aos produtos da educação familiar das diversas classes sociais (logo, de seu capital cultural) e do valor que, por suas sanções objetivas, os mercados econômico e simbólico conferem aos produtos da ação escolar segundo a classe social de que provêm. Nestas condições, o sistema de disposições em relação à escola enquanto propensão a consentir investimentos de tempo, esforço e dinheiro, necessários para conservar ou aumentar o capital cultural, tende a duplicar os efeitos simbólicos e econômicos da distribuição desigual do capital cultural ao mesmo tempo que os dissimula e os legitima. Os sociólogos funcionalistas recorrem a um mundo ideal quando, ao fim de um estudo longitudinal das carreiras escolares e sociais, descobrem que, pelos encantos de uma harmonia preestabelecida, os indivíduos obtiveram tudo que haviam esperado, ou melhor, não obtiveram nada mais do que haviam esperado. Esquecem-se, porém, que os indivíduos são apenas as vítimas menos perdoáveis pelo efeito ideológico que a escola produz ao desvincular as disposições a seu respeito (“esperanças”, “aspirações”, “disposições” ou “vontade”) de suas condições sociais de produção além de não levar em conta que as condições objetivas — e no caso particular, as leis do mercado escolar — determinam as aspirações delimitando o grau em que podem ser satisfeitas.

Eis aí um dos mecanismos pelos quais o mercado escolar consegue impor às suas próprias vítimas o reconhecimento efetivo de suas sanções conseguindo dissimular a verdade

objetiva dos mecanismos e dos requisitos sociais que as determinam. Bastando-lhe apenas *laissez faire*, isto é, permitir a livre ação das leis da transmissão cultural com vistas a assegurar a reprodução da estrutura de distribuição do capital cultural, o sistema de ensino se contenta em registrar a auto-eliminação imediata ou adiada (por exemplo, a composição de classes “especiais” para crianças das classes inferiores) ou a favorecer a eliminação através exclusivamente de uma pedagogia de privação eficiente capaz de mascarar sob as operações patentes de seleção a ação dos mecanismos tendentes a assegurar, de forma quase automática, (isto é, conforme as leis que regem qualquer modalidade de transmissão cultural) a exclusão de certas categorias de destinatários da mensagem pedagógica. Ao fazer tudo isso, o sistema de ensino dissimula melhor e de maneira mais global do que qualquer outro mecanismo de legitimação (por exemplo, quais seriam os efeitos sociais de uma limitação arbitrária do público a partir de critérios étnicos ou sociais), o aspecto arbitrário da delimitação efetiva de seu público, podendo assim impor de modo bem mais sutil a legitimidade de seus produtos e de suas hierarquias.

REPRODUÇÃO CULTURAL E REPRODUÇÃO SOCIAL

Ao apresentar as hierarquias sociais e a reprodução destas hierarquias como se estivessem baseadas na hierarquia de “dons”, méritos ou competências que suas sanções estabelecem e consagram, ou melhor, ao converter hierarquias sociais em hierarquias escolares, o sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da “ordem social” uma vez que a evolução das relações de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força. Todavia, na maioria das sociedades altamente industrializadas, a expansão contínua da proporção de membros das classes dirigentes diplomados pelas melhores universidades, seria suficiente para levar-nos à conclusão de que a transmissão do capital cultural tende a substituir-se pura e simplesmente à transmissão do capital econômico e da propriedade dos meios de produção no sistema dos mecanismos de reprodução da estrutura das relações de classe?

Ademais, como a expansão da parcela dos detentores dos títulos escolares mais prestigiados entre os membros das classes dirigentes pode significar apenas que a necessidade de invocar a caução escolar para legitimar a transmissão do

poder e dos privilégios se impõe de forma cada vez mais sólida, os novos mecanismos culturais e escolares de transmissão viriam apenas reforçar ou substituir os mecanismos tradicionais, como por exemplo a transmissão hereditária de um capital econômico, de um nome de família ou de um legado de relações sociais. Em suma, os investimentos aplicados na carreira escolar dos filhos viriam integrar-se no *sistema das estratégias de reprodução*, estratégias mais ou menos compatíveis e mais ou menos rentáveis conforme o tipo de capital a transmitir, e pelas quais cada geração esforça-se por transmitir à seguinte os privilégios que detém. Sabendo-se, de um lado, que as classes dominantes dispõem de um capital cultural muito mais importante que as demais classes, inclusive suas frações mais desfavorecidas em termos relativos (como vimos, tais frações possuem práticas culturais pelo menos tão intensas como as frações mais favorecidas das classes médias) e, tendo em vista que elas dispõem também dos meios de assegurar a este capital a melhor colocação escolar (vale dizer, os melhores estabelecimentos e as melhores seções), seus investimentos escolares não podem deixar de ser altamente rentáveis. Neste sentido, a segregação efetiva que se estabelece desde o ingresso no ensino secundário entre os alunos dos diferentes colégios e das diferentes seções tende a se reforçar à medida que avança o curso, em virtude do reforço contínuo das diferenças resultantes da orientação dos mais favorecidos culturalmente em direção às instituições capazes de intensificar sua vantagem. Também as instituições de ensino superior que asseguram ou legitimam o acesso às classes dirigentes e, sobretudo as grandes escolas (dentre as quais o internato de medicina), são quase totalmente monopolizadas pelas classes dominantes. Os mecanismos objetivos que permitem às classes dominantes conservar o monopólio das instituições escolares de maior prestígio (ainda que aparentemente tal monopólio seja colocado em jogo em cada geração), se escondem sob a roupagem de procedimentos de seleção inteiramente democráticos cujos critérios únicos seriam o mérito e o talento, e capazes de converter aos ideais do sistema os membros eliminados e os membros eleitos das classes dominadas, estes últimos os "milagrosos" levados a viver como "milagroso" um destino de exceção que constitui a melhor garantia da democracia escolar.

Pelo fato de que, de um lado, o mercado escolar tende a sancionar e a reproduzir a distribuição do capital cultural fazendo com que o êxito escolar seja proporcional à importância do capital cultural legado pela família (por exemplo,

entre os alunos das grandes escolas, constata-se uma correlação muito forte entre o êxito escolar e o capital cultural familiar medido pelo nível de escolaridade dos ascendentes de duas gerações de ambas linhagens), enquanto, de outro lado, as frações das classes dominantes mais favorecidas do ponto de vista do capital econômico e do poder não são necessariamente as mais bem equipadas em capital cultural, não é preciso que a hierarquia dos valores conferidos pelo mercado escolar aos produtos do trabalho pedagógico das famílias das diferentes frações corresponda rigorosamente à hierarquia destas frações do ponto de vista do capital econômico e político. Deve-se, então, concluir que a autonomia relativa dos mecanismos de reprodução da estrutura de distribuição do capital cultural no tocante aos mecanismos responsáveis pela reprodução do capital econômico seria capaz de determinar uma transformação profunda, quando não da estrutura das relações de classe (ainda que as frações mais favorecidas das classes médias do ponto de vista cultural, por exemplo os filhos de professores primários e secundários, estejam em condições de competir com sucesso, no mercado escolar, com as frações culturalmente mais desfavorecidas das classes superiores), da estrutura de relações entre as frações das classes dominantes?

A estrutura de distribuição do capital cultural entre as diferentes frações da classe dominante pode ser construída a partir do conjunto de índices convergentes constantes do quadro sinótico abaixo¹³:

(13) S.O.F.R.E.S., *Le marché des cadres supérieurs français*. Paris, 1964.

Quadro 5. Variações de alguns indicadores da prática cultural, segundo as diferentes frações da classe dirigente

	1	2	3	4	5	6	7
	Profes- sores	Técnicos e dirigentes do setor público	Profis- sionais liberais	Enge- nheiros	Técnicos e dirigentes do setor privado	Empresá- rios in- dustriais	Grandes Comer- ciantes
Leitores do <i>Le monde</i> (ín- dice de penetração para 1000)	410	235	210	145	151	82	49
Leitores do <i>Figaro Litté- raire</i> (mesmo índice)	168	132	131	68	100	64	24
Leitores de livros não-pro- fissionais (15 horas ou mais por semana)	21	18	18	16	16	10	10
Frequência/teatro (ao me- nos 1 vez cada 2 ou 3 meses)	38	29	29	28	34	16	20
Ouvintes de música clás- sica	83	89	86	89	89	75	73
Frequentedores de museus e exposições	75	66	68	58	69	47	52
Frequentedores de galerias de Pintura	58	54	57	45	47	37	34
Proprietários de rádio c/ frequência modulada	59	54	57	56	53	48	48

Com exceção de algumas inversões que expressam a ação de variáveis secundárias (como por exemplo o domicílio e as possibilidades objetivas de prática cultural que daí decorrem, e a renda¹⁴ com as possibilidades que oferece), constatou-se que as diversas frações se organizam segundo uma hierarquia única, sendo que a diferenciação do capital cultural acumulado conforme o tipo de formação recebida manifesta-se sobretudo no fato de que os engenheiros demonstram maior interesse pela música (e também pelas modalidades de lazer que exigem aptidões lógicas como o *bridge* e o xadrez) do que pelas atividades literárias (leitura do *Figaro Littéraire* ou frequência a teatros). Se a parcela de indivíduos que não possuem televisão (e que se distinguem dos proprietários desse aparelho porque se dedicam com maior frequência a práticas em geral consideradas como expressão de uma disposição autenticamente “cultivada” e refinada)¹⁵, varia segundo a mesma lei, tal ocorre porque a recusa desta prática suspeita de “vulgaridade” em virtude de sua divulgação constitui uma das maneiras menos dispendiosas de exprimir pretensões culturais¹⁶.

(14) Os empresários industriais entrevistados moram, mais frequentemente que os grandes comerciantes, em pequenas cidades — 40% e 33%, respectivamente, dos quais 27% e 15%, respectivamente, moram em comunidades rurais; os técnicos e dirigentes do setor público ou privado e os engenheiros residem com maior frequência do que os professores e profissionais liberais nas cidades com mais de 100 000 habitantes (28% desses últimos residem em pequenas cidades). Temos então 66% para as duas primeiras categorias, 65% para a terceira e 60% para as duas últimas, dados que explicam as inversões no caso dos índices de frequência a teatros. Além da residência, o efeito da renda, nitidamente mais elevado nas profissões liberais que nos quadros da administração pública, explica as demais inversões constatadas sobretudo no que respeita à posse de aparelhos de rádio com frequência modulada ou ao comparecimento a exposições de arte.

(15) Abaixo, damos alguns indicadores da oposição entre os dois sistemas de disposições onde a recusa da televisão constitui um elemento.

	Ouvem música clássica	Tocam algum instru- mento	Frequen- tam mu- seus ou expo- sições	Frequen- tam ga- lerias de arte	Jogam <i>bridge</i>	Vão ao teatro
Possuem televisão	82	12	60	45	19	55
Não possuem televisão	91	15	70	53	28	70

(16) Inúmeros indicadores sugerem que as diferentes frações das classes dominantes se distinguem também conforme o tempo livre de que dispõem. Por exemplo, a parcela dos indivíduos que tiram férias atinge 95% dos professores, 92% dos engenheiros, 91% dos quadros do serviço público, 89% dos profissionais liberais, 87% dos técnicos e dirigentes do setor privado, e respectivamente 81 e 80% dos empresários industriais e dos grandes comerciantes. O efeito deste princípio de diferenciação é recorrente em certo número de práticas com dimensão cultural, como por exemplo a utilização do rádio ou da televisão.

Estes indicadores tendem a minimizar bastante as diferenças entre as diversas frações. Na verdade, a maioria dos consumos culturais implica também um custo econômico, sendo que a frequência ao teatro, por exemplo, depende não apenas do nível de instrução (em uma população de técnicos e dirigentes, tal frequência passa de 41% a 59 e 68% entre os níveis primário, secundário e superior) mas também da renda (46% com rendas inferiores a 20 000 francos anuais e 72% com rendas superiores a 75 000 francos). Demais, aparelhos como rádios com frequência modulada ou vitrolas de alta fidelidade podem servir a utilizações bem diversas (audição de música moderna ou de música de dança) e dotadas de valores tão desiguais, como os diferentes tipos de leitura ou de teatro, é claro, por referência à hierarquia dominante dos usos possíveis. Assim, conforme os quadros abaixo, a posição das diversas frações hierarquizada segundo o interesse que demonstram pelos diferentes tipos de leitura, tende a aproximar-se de sua posição na hierarquia estabelecida segundo a riqueza em capital cultural à medida que nos dirigimos para leituras cujo montante depende bastante do nível de instrução e que se encontram melhor situadas na hierarquia dos graus de legitimidade cultural (Ver quadro anexo).

Quadro 6. Tipo de leitura segundo as diferentes frações da classe dirigente (porcentagens e posições ou lugares) ¹⁷ *

	Profes- sores	Técnicos e dirigentes do setor público	Profis- sionais liberais	Enge- nheiros	Técnicos e dirigentes do setor privado	Empresá- rios in- dustriais	Grandes comer- ciantes
Romances policiais	25(6)	29 (1)	27(4)	28(3)	29 (1)	27(4)	25(6)
Romances de aventura	16(7)	20(3)	18(6)	24 (1)	22(2)	19(4)	19(4)
Relatos históricos	44(4)	47(2)	49 (1)	47(2)	44(4)	36(6)	27(7)
Livros de Arte	28(2)	20(3)	31 (1)	19(5)	20(3)	17(6)	14(7)
Romances	64(2)	68 (1)	59(5)	62(3)	62(3)	45(6)	42(7)
Filosofia	20 (1)	13(3)	12(5)	13(3)	15(2)	10(7)	12(5)
Política	15 (1)	12(2)	9(4)	7(5)	10(3)	5(6)	4(7)
Economia	10 (1)	8(3)	5(6)	7(5)	9(2)	8(3)	5(6)
Ciências	15(3)	14(4)	18(2)	21 (1)	9(7)	10(6)	11(5)

(17) O número entre parênteses representa o lugar de cada fração. Não se levou em conta a leitura de obras de Economia ou obras científicas uma vez que o interesse por este gênero de literatura depende de fatores secundários, como por exemplo o tipo de prática profissional para alguns (daí se explicita o lugar dos técnicos e dirigentes do setor privado e dos empresários) e o tipo de formação intelectual para outros (decorre daí o lugar dos engenheiros).
(*) A tendência mais forte em cada linha aparece em negro.

Quadro 7. Tipo de leitura segundo o nível de instrução (porcentagens) *

	Univer- sidade	Grande escola	Secun- dário	Técnico	Primário
Romances policiais	28	27	27	32	24
Romances de aventura	17	14	22	27	17
Relatos históricos	47	49	42	41	25
Livros de arte	25	24	22	18	10
Romances	65	54	62	60	35
Filosofia	18	13	15	11	7
Ensaio políticos	16	14	6	9	3
Economia	12	19	5	3	4
Ciências	18	27	11	10	6

(*) A tendência mais forte em cada linha aparece em negrito.

Ao que tudo indica, as escolhas em matéria de teatro organizam-se segundo o mesmo princípio. Portanto, com base no quadro anexo, que mereceria comentários mais amplos, pode-se apontar que o índice de freqüência (visível a partir da distância entre a taxa de professores em cada teatro e a taxa média de professores para o conjunto de teatros) de professores (e estudantes) no público dos diversos teatros decresce de modo contínuo enquanto eleva-se paralelamente o índice de freqüência das demais frações (gerentes de empresas, técnicos de nível superior e profissionais liberais, categorias que foram infelizmente misturadas pela estatística) quando passamos do teatro de vanguarda ou do teatro percebido como tal ao teatro clássico e, sobretudo, deste último para o teatro de *boulevard* que recruta a terça ou quarta parte de seu público entre as frações menos "intelectuais" das classes dominantes.¹⁸

(18) Segundo S.E.M.A. *Le théâtre et son public*, T. II. quadro 215a.

	Operários	Comerciantes	Funcionários (escala intermediária)	Técnicos e dirigentes (escala intermediária)	Estudantes, alunos	Professores	Administradores/em- presas, técnicos/nível superior, prof. liberais	Sem profissão	Outros
Odéon — La remise	4	1	11	12	28	26	9	4	4
Montparnasse — Sainte Jeanne	4	2	7	14	24	18	17	13	3
Vieux-Colombier — Noces de sang	3	1	4	16	39	17	10	11	1
T. E. P. — La locandiera T. N. P. — Romulus le grand	6	3	13	11	33	13	10	8	2
Athénée — Le vicaire	7	1	13	14	27	12	12	11	2
Odéon — Tartuffe	9	4	10	12	28	8	11	11	5
Comédie Française	3	2	2	9	41	12	20	9	3
Clina	4	2	13	11	43	6	12	9	3
Comédie Française	2	2	8	12	29	7	25	13	3
Cyrano	2	2	8	12	29	7	25	13	3
Théâtre de Paris — Com- ment réussir dans les af- faires	3	1	5	14	11	12	23	26	7
Ambigu — Charmante Soirée	3	1	9	11	6	7	22	34	6
Antoine — Mary-Mary	8	4	13	16	7	4	26	21	2
Michodière — La preuve par quatre	4	9	7	14	8	4	31	18	3
Ambassadeurs — Photo- -finish	4	5	5	10	13	6	35	24	—
Variétés — Un homme comblé	5	6	5	17	7	3	33	22	3
Conjuncto	4	3	8	14	23	13	19	14	3

Com exceção das profissões liberais que ocupam neste campo uma posição elevada, a estrutura de distribuição do capital econômico é simétrico e inversa à estrutura de distribuição do capital cultural (ou seja, na ordem, empresários industriais e grandes comerciantes, técnicos e dirigentes do setor privado, profissionais liberais, engenheiros, técnicos e dirigentes do serviço público, professores)¹⁹.

(19) Nenhum dos índices de consumo (automóvel, barco, hotel) é totalmente unívoco (na medida em que o primeiro índice depende também do tipo de prática profissional e os demais do montante de tempo disponível cuja distribuição entre as frações parece bastante desigual). Neste sentido, a posse de uma residência depende da estabilidade domiciliar (menor para os técnicos, engenheiros e professores). Demais, as rendas das diversas categorias são minimizadas de forma muito desigual (podendo-se considerar a taxa de não-declaração como indicador da tendência à declaração incompleta). Uma avaliação rigorosa das rendas das diversas frações exigiria o inventário dos lucros secundários referentes às diversas profissões. Sabe-se, por exemplo, que os técnicos e dirigentes do setor privado e alguns engenheiros muitas vezes dispõem de um carro (e de um motorista, em alguns casos) fornecido pela empresa que também se encarrega de lhes contratar uma arrumadeira ou uma empregada. A pesquisa citada permite um diagnóstico dos lucros secundários (e fáceis de dissimular) proporcionados pelas diversas profissões, como por exemplo as refeições para tratar de negócios (26% dos empresários industriais e dos técnicos e dirigentes do setor privado, 22% dos engenheiros, 17% dos grandes comerciantes, 14% para os técnicos e dirigentes do setor público, e apenas 10% dos profissionais liberais e 4% dentre os professores), viagens profissionais (abrangendo 41% entre os empresários industriais, 36% entre os técnicos e dirigentes do setor privado, 35% entre os engenheiros, 31% dos grandes comerciantes, e apenas 19% dentre os técnicos e dirigentes do setor público, 16% dentre os profissionais liberais e dirigentes e 4% dos professores).

	Grandes comerciantes	Empresários industriais	Profissionais liberais	Técnicos e dirigentes setor privado	Engenheiros	Técnicos e dirigentes do setor público	Professores
Residência própria ²⁰	70	70	54	40	44	38	51
Automóvel de categoria superior	33	34	28	22	21	20	12
Férias em hotel	32	26	23	21	17	17	15
Barco	13	14	14	12	10	8	8
Renda média em francos (1 000)	33	36	41	37	36	32	33
Taxas de não-declaração	(24)	(28)	(27)	(13)	(9)	(8)	(6)

(20) Dentre as personalidades mencionadas no *Who's Who*, a taxa de indivíduos que residem em bairros que comportam a proporção mais elevada de famílias de técnicos e dirigentes em relação ao conjunto de domicílios (7º, 8º e 16º *arrondissements*) é de 39,7% na burguesia de negócios, 40% na alta administração, 31% nas profissões liberais e 22% entre os professores.

A análise da mobilidade entre as frações mostra que o princípio dominante da hierarquia das frações reside na posse do capital econômico na medida em que tal critério encontra-se diretamente ligado à posse do poder. Destarte, o exame da mobilidade entre gerações dos indivíduos das diversas frações recenseados no *Who's who* mostra que a parcela de indivíduos deslocados para os níveis mais baixos da hierarquia no curso de sua carreira, é praticamente nula entre os empresários industriais e grandes comerciantes, aumentando continuamente à medida que nos deslocamos para as frações situadas nos graus mais baixos da hierarquia baseada no critério econômico. Outro índice bastante significativo, a relação entre a parcela de indivíduos originários da fração dominante das classes dominantes (burguesia de negócios) e a parcela nas diferentes frações de indivíduos originários das demais classes sociais, decresce continuamente à medida que nos deslocamos para as posições mais baixas da hierarquia.

	Parcela dos filhos de empresários industriais	Parcela dos indivíduos originários de outras classes	Relação
Empresários industriais	42,6	20,5	2,0
Grandes comerciantes	35,0	19,2	1,8
Profissionais liberais	20,5	16,1	1,2
Técnicos e dirigentes do setor público	11,9	28,0	0,4
Professores	15,0	31,0	0,4

A análise secundária da pesquisa nacional realizada pelo I.N.S.E.E. a respeito da mobilidade profissional entre gerações, permite verificar que a parcela em cada fração dos indivíduos provenientes das classes dirigentes e a parcela de indivíduos da mesma fração decrescem paralelamente, à medida que nos deslocamos para baixo na hierarquia das frações, havendo um corte marcante entre as três frações de posição superior e as outras três de posição inferior.

PAI	Empresários industriais	Grandes comerciantes	Profissionais liberais	Engenheiros	Técnicos e dirigentes do setor público	Professores
Empresários industriais	33,5	2,8	2,3	6,1	4,4	1,5
Grandes comerciantes	1,9	31,0	—	1,8	5,0	0,8
Profissionais liberais	0,6	0,9	20,0	0,9	2,4	7,6
Engenheiros	—	—	6,4	6,7	2,3	4,6
Técnicos e dirigentes do setor público	1,9	3,3	9,9	13,2	14,3	7,6
Professores	0,6	—	2,9	2,7	0,3	6,1
Conjunto da classe dirigente	38,5	38,0	41,5	31,4	28,7	28,2

Sabendo-se qual a estrutura das relações entre a estrutura de distribuição do capital cultural e a estrutura de distribuição do capital econômico entre as diversas frações da classe dirigente, e uma vez que o sistema de ensino ajusta o êxito ao capital cultural, compreende-se a razão pela qual os produtos do trabalho pedagógico das diferentes frações recebem no mercado escolar valores organizados conforme uma hierarquia que reproduz a hierarquia das frações distribuídas segundo a importância de seu capital cultural²¹. Demais, segundo um mecanismo já analisado, tal processo se concretiza

(21) No interior das classes médias, a oposição entre os técnicos de nível médio do setor público (em particular os professores primários) e os pequenos e médios empresários da indústria e do comércio, é homóloga à oposição que separa, no âmbito das classes superiores, os professores dos empresários industriais e grandes comerciantes. Não é por acaso que a ideologia do mérito escolar é particularmente persistente nas frações das classes médias mais ricas em capital cultural, da mesma forma que os defensores da "Escola liberadora" invocam com frequência a ascensão em duas gerações (de camponês a professor primário e daí a professor). Na verdade, os professores primários (assim como as categorias subalternas de professores do ensino secundário) e, em geral, os técnicos de nível médio do setor público, ocupam uma posição bastante original, no ponto de junção entre as classes médias e as classes dominantes. Graças à relação privilegiada que mantêm com o sistema escolar, podem enfrentar com sucesso a competição junto às demais frações no plano escolar, concorrendo com frações mais abastadas em capital econômico e mesmo com as frações das classes dominantes menos ricas em capital cultural. A lógica que rege as relações entre os professores e as demais frações das classes dominantes (valendo *a fortiori* para os professores primários) faz com que seus filhos sejam relegados às funções de técnicos do ensino, da indústria ou da administração, espécie de pagamento pelo acesso às classes dominantes (aproximadamente 25% dos filhos de professores têm tal oportunidade).

O topo "reproduz" mais

de modo tanto mais seguro em virtude da tendência que as diferentes frações apresentam no sentido de investir o capital que estão em condições de transmitir no mercado capaz de lhe assegurar o melhor rendimento. Logo, deverão investir tanto mais na educação de seus filhos quanto mais disso depender seu êxito social, quer dizer, o mínimo necessário para sua manutenção nas classes dominantes.

As frações mais ricas em capital cultural são propensas a investir mais na educação de seus filhos e, ao mesmo tempo, em práticas culturais propícias a manter e aumentar sua raridade específica. As frações mais ricas em capital econômico dão primazia aos investimentos econômicos em lugar de investimentos culturais e educativos, atitude bem mais freqüente no caso dos empresários industriais e grandes comerciantes do que na nova burguesia de tecnocratas do setor privado que manifesta a mesma preocupação pelo *investimento racional* tanto no plano econômico como no plano educacional²². Relativamente providas das duas formas de capital, embora pouco integradas na vida econômica para nela empregar ativamente seu capital, as profissões liberais (e sobretudo, os médicos e os advogados) procuram investir na educação de seus filhos mas também em consumos capazes de simbolizar a posse de meios materiais e culturais adequados às regras do estilo de vida burguês e propícias à formação de um *capital social*, capital de relações mundanas, (fonte de "apoios" úteis) de honradez e respeitabilidade, muitas vezes indispen-

(22) Tendo chegado, ainda jovens, a posições de poder muitas vezes munidos com títulos universitários, e quase sempre trabalhando em empresas mais importantes e mais modernas, os técnicos e dirigentes do setor privado distinguem-se dos empresários industriais e dos grandes comerciantes, a burguesia tradicional, com férias em balneários exclusivos, recepções e obrigações mundanas — entre as quais a prática de esportes como golfe, equitação, e até mesmo a eventual sessão de teatro —, por um estilo de vida mais "moderno". Neste sentido, são leitores mais assíduos do jornal financeiro *Les Échos* (índice de penetração de 126 contra 91 entre os empresários industriais) e dos semanários dedicados à Economia e às finanças (índice de penetração de 224 contra 190 para os empresários industriais). Demais, parecem menos inclinados a investir seu capital em bens imobiliários, preferindo os tipos de lazer modernos (esquiar, velejar, etc.). Identificam-se de modo mais integral com o papel do tecnocrata moderno voltado para o exterior (além dos técnicos do setor público e dos engenheiros, são dos que apresentam a taxa mais elevada de viagens ao exterior) e aberto às idéias modernas (daí sua elevada participação em colóquios e seminários profissionais, 30% deles comparecem a estas manifestações pelo menos três ou quatro vezes por ano, fazendo o mesmo 26% dos técnicos do setor público e dos grandes comerciantes, 25% dos engenheiros e 17% dos empresários industriais). Outro índice, à primeira vista irrelevante mas muito significativo, da oposição nas variações da parcela dos membros das diversas frações que declaram ter sempre em casa uísque ou champanha: no caso do uísque, 81% dos técnicos e dirigentes do setor privado, 80% dos engenheiros, 74% dos profissionais liberais, 69% dos técnicos e dirigentes do setor público, 62% dos empresários industriais, 60% dos grandes comerciantes e 58% dos professores; e no caso da champanha, 80% dos empresários industriais, 75% dos grandes comerciantes e dos profissionais liberais, 73% dos técnicos e dirigentes do setor privado, 72% dos técnicos e dirigentes do setor público e dos engenheiros, e 49% dos professores.

sável para atrair ou assegurar a confiança da boa sociedade e, por esta via, de sua clientela, podendo inclusive resultar numa carreira política²³.

De fato, a parcela das frações mais ricas em capital cultural é tanto maior naquelas instituições situadas no topo da hierarquia propriamente escolar dos estabelecimentos de ensino (comparada, por exemplo, ao índice de êxito escolar anterior), atingindo seu máximo na instituição encarregada de assegurar a reprodução do corpo docente (Escola Normal Superior)²⁴.

(23) A validação e o refinamento destas hipóteses só poderão ser feitos a partir de uma pesquisa que vem sendo atualmente realizada pelo Centro de Sociologia Européia e que pretende captar os sistemas de estratégias de reprodução das diferentes frações bem como determinar, em particular, o lugar do investimento em educação no interior de cada um dos sistemas. Por enquanto, será suficiente relatar alguns índices que parecem confirmar as proposições já indicadas acima, sobretudo no que concerne às profissões liberais. Com base na pesquisa da S.O.F.R.E.S. já citada, a hierarquia das frações segundo o nível de vida (fixado a partir da posse de certos bens, como por exemplo, máquina de secar roupa, congelador, máquina de lavar louça, vitrola, equipamento de alta fidelidade, rádio com freqüência modulada, gravador, máquina fotográfica, projetor de diapositivos, câmera de filmar, equipamento para acampar, barco, automóvel de luxo, residência de campo), se estabelece da seguinte maneira: profissões liberais (5,1), engenheiros (4,8) técnicos e dirigentes do setor privado (4,7), empresários industriais (4,6), grandes comerciantes (4,4), técnicos e dirigentes do setor público (4,4), professores (4,2). Na população selecionada de modo mais rígido no *Who's who*, a participação em clubes e a inscrição no Registro Social, se reparte assim: burguesia de negócios (respectivamente, 49,5 e 32,6), justiça (respectivamente, 38,1 e 36,5), medicina (respectivamente, 30,1 e 28,9), alta administração (respectivamente, 25,7 e 24,4), universidade (respectivamente, 24,3 e 22). É a seguinte a distribuição da leitura do jornal *Les Échos*, índice de participação na vida econômica e de informação a respeito da vida financeira (dados da S.O.F.R.E.S.): técnicos e dirigentes do setor privado (126), empresários industriais (91), técnicos e dirigentes do setor público (68), engenheiros (66), *profissões liberais* e grandes comerciantes (15), professores (0). Do mesmo modo, o índice de penetração dos semanários econômicos e financeiros é de apenas 124 para as profissões liberais, de 190 para os empresários industriais, de 224 para os técnicos e dirigentes do setor privado e de 250 para os engenheiros. Um último índice revelador da posição particular das profissões liberais, e em especial, dos médicos, é o fato de que 30% dos médicos inscritos no *Who's who* pertencem ao pessoal político local.

(24) As análises propostas acima se baseiam em um conjunto sistemático de pesquisas realizadas nos últimos anos pelo Centro de Sociologia Européia, a respeito das faculdades de letras, ciências, direito, medicina, e sobre o conjunto das grandes escolas literárias e científicas e dos cursos de preparação para tais escolas. Estas pesquisas tinham a intenção de tratar as instituições de ensino superior como um *sistema* e de construir a estrutura das relações que unem umas às outras. Em suma, a idéia era romper com a abordagem (consciente ou inconscientemente) monográfica da maior parte das pesquisas a respeito do ensino superior que acabam sempre ignorando as propriedades mais específicas das diversas instituições, a saber, as propriedades decorrentes de sua posição no sistema das instituições e dos efeitos de distinção estrutural que tal posição provoca. Desta maneira, os estudos dedicados às faculdades de letras ou de ciências que não se preocupam em reavaliar a posição destas instituições em relação aos cursos preparatórios para as grandes escolas ou em relação a estas últimas, privam-se da possibilidade de compreender e explicar até que ponto o recrutamento social e escolar do público destas instituições, a pedagogia que praticam ou as carreiras a que dão acesso decorrem do fato de se tratar de estabelecimentos de segunda categoria, locais compensatórios para jovens das classes médias e populares que têm acesso ao ensino superior ou refúgios para os filhos das classes dominantes cujos resultados escolares os desqualificam para instituições mais prestigiosas. De outro lado, a maioria dos estudos a respeito desta ou daquela grande escola não se distinguem nitidamente dos estudos realizados com fins práticos ou apologeticamente pelas associações de antigos alunos, pois revelam quase sempre a permanência de um vínculo encantado com uma dada escola em particular, traço que pode mascarar-se tanto através de uma

Quadro 12. *As variações da parcela dos filhos de professores e do índice de êxito escolar segundo o tipo de estabelecimento**

	Faculdade de Direito	Faculdade de Medicina	Faculdade de Ciências	Faculdade de Letras	Classes preparatórias p/ as Escolas Politécnicas	Escola Nacional de Administração	Politécnica	Ulm/Letras	Ulm/Ciências
Parcela dos filhos de professores	3,2	4,5	4,5	5,2	5,4	9,0	9,9	19,4	17,7
Taxa de menções	0,4		0,3	0,5	1,2	2,0	2,9	3,1	3,6

Como as diversas instituições se diferenciam não somente em função da formação que oferecem e, por conseguinte, do tipo de capital que exigem (a parcela dos filhos de engenheiros é particularmente elevada nas instituições científicas, 8,1% nas faculdades de ciências, 15,1% nos cursos preparatórios para as grandes escolas científicas, 19,7% na Escola Politécnica e 14% na Escola Normal Superior Científica), mas também em função da carreira a que dão acesso, a hierarquia propriamente escolar impõe-se de maneira perfeita apenas aos filhos de professores, levados pela formação familiar a identificar todo êxito ao êxito escolar. Na medida em que registra e consagra as diferenças que separam as diversas frações do ponto de vista do capital cultural (e em segundo lugar, do tipo de capital cultural) e da propensão a investir este capital no mercado escolar, ou melhor, em seu setor mais favorável, o sistema de ensino tende a reproduzir (no sentido duplo do termo) a estrutura de relações entre a estrutura de distribuição do capital cultural e a estrutura de distribuição do capital econômico entre as frações através das relações de oposição e complementariedade que definem o sistema de instituições do ensino superior. Na verdade, na medida em que resulta da aplicação de dois princípios opostos de hierarquização, a estrutura do sistema das instituições de ensino superior pode constituir o objeto de uma *leitura*

falsa postura objetivista como por meio de rupturas grandiloquentes ou pela inversão desgostosa de um vínculo inicial de encantamento. Tal projeto metodológico implicava, sob pena de se perder informações específicas sobre cada instituição, a decisão de sujeitar quaisquer operações técnicas — desde a fase de construção de questionários ou escalas de análise — ao imperativo da comparação. O que de início poderia parecer uma abstração mutilante revelou-se a condição para se detectar as características mais específicas enquanto certas concessões que tinham a preocupação de levar em conta os particularismos (e sobretudo, os traços mais aparentes com os quais cada escola importante procura equipar-se de um aparato idiossincrático) não permitiam de modo algum comparações capazes de conduzir ao princípio das diferenças realmente pertinentes.

(*) Demos um ponto para uma menção *Regular*, dois pontos para uma menção *Bom* e três pontos para uma menção *Excelente* no "bacharelado", e calculamos o êxito médio por aluno.

Quadro sinótico das estruturas de diferentes públicos escolares segundo a profissão do pai.

	Popu- lação ativa	Classes especiais	3º Gin. sem latim	3º Gin. com latim	Fac. Ciên- cias	Fac. Letras	Fac. Di- reito	Medicina Prepara- tórios Ciências	Prepara- tórios Nacional Letras e Adm.	Escola Nacional	Politéc- nica	Ulm/ Letras	Ulm/ Ciências
Assalariados agrícolas	2,9	5,3	3,3	1,2	2,9	2,7	1,7	0,9	0,5	3,0	1,0	0,4	0,6
Pequenos proprietários rurais	12	6,8	9,7	5,6	6,4	5,4	5,1	2,9	0,5	1,7	1,9	1,9	—
Operários e pessoal de serviço	43,4	57,3	40,7	21,7	15,2	14,6	10,3	5,8	4,3	4,3	—	3,7	5,4
Artesãos	3	6,1	9,9	8,3	5,4	5,1	4,4	3,9	1,6	1,3	2,9	1,4	1,4
Comerciantes	5,1				8,2	9,0	10,6	10,2	4,9	2,6	2,9	3,7	2,3
Empregados (exército — polícia)	16,5	10,5	15,9	15,1	9,5	10,1	11,0	8,8	6,5	4,3	3,9	5,1	7,6
Técnicos e dirigentes de nível médio	7,1	4,7	10,4	15,3	14,0	14,8	14,0	12,1	23,2	13,6	12,6	11,5	11,8
Professores primários	2,8	0,1	1,2	3,5	5,3	5,3	2,6	4,0	2,7	6,1	1,9	6,2	5,0
Industriais	1,4	0,5	1,8	3,3	2,4	2,6	4,0	3,7	5,8	2,4	×	6,0	2,4
Engenheiros	0,9	2,6	1,7	6,3	8,1	5,7	5,2	8,5	15,1	5,2	6,9	19,9	5,9
Técnicos e dirigentes de alto nível	2,2	0,5	2,4	7,9	9,5	10,6	14,0	11,7	19,1	23,7	+22,2	17,9	24,8
Altos funcionários									2,2	6,5	10,9	2,7	3,3
Profissionais liberais	1,6	5,4	2,1	7,5	8,5	8,8	13,8	22,9	8,1	10,4	23,8	9,7	10,1
Professores	1	0,1	0,9	4,3	4,5	5,2	3,2	4,5	5,4	14,8	9,0	9,9	19,4

X ENA. Técnicos e dirigentes de alto nível + industriais = 22,2

dupla: a hierarquia *dominante na interior da instituição escolar*, vale dizer, a hierarquia que ordena as instituições segundo critérios especificamente escolares e, ao mesmo tempo, conforme a parcela reservada às frações mais ricas em capital cultural de seu público, opõe-se radicalmente à *hierarquia dominante fora da instituição escolar*, vale dizer, a hierarquia que ordena as instituições segundo a proporção em seu público das frações mais ricas em capital econômico (ou em poder) e conforme a posição na hierarquia do capital econômico e do poder das profissões para as quais encaminham²⁵. Destarte, as grandes escolas se distribuem quase sempre entre os dois pólos extremos, ou seja, de um lado, as escolas que levam ao poder econômico e político-administrativo (Politécnica, Escola Nacional de Administração) e, de outro lado, as escolas que dão acesso ao ensino e às profissões intelectuais (Escola Normal Superior literária e científica), sendo que os índices correspondentes a um dos princípios de hierarquização tendem a diminuir de modo progressivo à medida que aumentam os índices referentes ao outro princípio (Ver quadro nº 13).

A análise dos mecanismos escolares, mediante os quais se opera a distribuição dos candidatos entre as diversas instituições, permite detectar uma das formas mais sutis da astúcia da razão social, ou seja, o artifício que leva o sistema escolar a trabalhar objetivamente em favor da reprodução da estrutura de relações entre as frações das classes dominantes no mesmo momento em que parece utilizar plenamente sua autonomia e impor seus próprios princípios de hierarquização²⁶.

(25) A discordância entre ambas as hierarquias e a predominância, no âmbito da instituição, da hierarquia propriamente escolar, constitui um dos fundamentos da ilusão do mérito cuja forma mais típica é a ideologia da "escola liberadora". Tal fato explica também a indignação de muitos professores, primeiras vítimas desta modalidade de etnocentrismo acadêmico, em face da discordância entre as hierarquias escolares e as hierarquias sociais.

(26) Se muitas vezes passa despercebido o papel do sistema das instituições de ensino superior na reprodução da estrutura de relações entre as frações das classes dominantes, tal ocorre porque as pesquisas de mobilidade dão maior atenção à mobilidade entre as classes do que à mobilidade no interior das diversas classes e, sobretudo, no âmbito das classes dominantes. Demais, o modo de pensamento analítico e atomístico que orienta as pesquisas sobre mobilidade não permite que os estudos clássicos a respeito das "elites" possam ultrapassar a apreensão de fenômenos menores como a hereditariedade profissional. De fato, a estrutura das relações entre as frações pode permanecer inalterada ainda que a população que as constitui sofra profundas mudanças. Por exemplo, a estrutura das relações entre as frações intelectuais ou artísticas e as demais frações das classes dominantes permaneceu quase inalterada na França desde meados do século XIX, ao passo que o recrutamento social dos artistas e intelectuais tem variado em grau considerável segundo as épocas.

A taxa de alunos das classes superiores das diversas escolas que possui uma ou outra das características abaixo.

	Ulm/ Letras	Ulm/ Ciências	Sèvres/ Letras	Sèvres/ Ciências	Politécnica	Minas/ Paris	Escola Nacional de Admi- nistração (1ª conc.)	Altos estudos comerciais	Escola Central
Diploma do pai acima do diploma de curso superior	85,8	88,8	73,1	84,9	76	68,3	85,4	74,1	71,9
Diploma da mãe acima do diploma de curso superior	38,3	44,1	39,2	42,7	30,8	29,8	36,5	22,1	26,2
Taxa de professores	29,5	12,6	31,2	33	15	4,6	15,2	4,2	7,9
Seção literária:	29,9	44,3	29,6	23,8	24,4	24,3	18,7	14,9	18,3
Éxito no "bacharelado"	3,6	5,5	3,2	2,7	3,1	3,1	2	1,1	2,3
Marxismo	51,1	30,4	31,4	35	12,2	19	1,8	7,2	7,7
Concerto número médio/ /audições	1,8	2,4	2,2	1,3	1,2	1,6	1,1	1,1	1,1
Teatro número médio de peças	3,8	3,4	4,7	4	3,6	4,6	2,5	2,3	2,3
Tamanho da família/4 filhos e mais	40,3	50,9	34,9	39,2	44	42,2	36,9	43,4	47,6
Católicos praticantes	29,7	31,6	39,1	38,8	41,6	39,1	39,8	41,2	48,9
Escola particular	14,6	17,8	19,4	9,5	17,9	18,7	24,9	23,9	13,5
Centro-direita/Direita/ /Extrema-direita	3,8	7,2	3,2	12,6	36,2	12,5	19,9	21,9	16,9
Técnico superior/indústria, comercio	41,3	23,2	44,1	32,6	36,2	53,2	30,9	57,4	55,7
Avô paterno das classes altas	56,6	41,7	44	31,3	48	62,6	61,6	63	47,5
Avô materno das classes altas	37,3	51,2	55,7	34,1	54,8	60	53,6	62	48,6
Residência em Paris	32,4	41,3	41,4	32,6	45,6	53,9	66,6	55,3	46,5

Obs.: Os resultados em negrito correspondem à tendência mais pronunciada em cada linha, e em itálico, à tendência seguinte.

Fonte: C. S. E. (Centro de Sociologia Européia).

(*) O problema não foi colocado na Escola Politécnica.

das principais grandes escolas originárias das classes superiores (porcentagens %)

	Ulm/ Letras	Ulm/ Ciências	Sèvres/ Letras**	Sèvres/ Ciências	Minas Politécnica***	Minas Paris****	Escola Normal Administração	Altos Estudos Comer- ciais****	Escola Central****
Pai licenciado ou mais	85,8	88,8	73,1	84,9	76	68,3	85,4	74,1	71,9
Mãe licenciada ou mais	38,3	44,1	39,2	42,7	30,8	29,8	36,5	22,1	26,2
Filhos de professores	29,5	26,2	31,2	33	15	4,6	15,2	4,2	7,9
Sessão latin-grago	29,9	44,3	29,6	23,8	24,4	24,3	18,7	14,9	18,3
Ao menos 1 menção BOM ou 2 menções REGULAR no 'bacharelado'	90	85,4	89,2	76,6	86,3	84,5	63,3	31	67,4
Marxistas	51,1	30,4	31,4	35	12,2	19	1,8	7,2	7,7
Concerto/ao menos 2 vezes por ano	21,9	30,5	33,5	24,7	18,1	24,3	17,1	14,6	18,2
Teatro/ao menos 2 vezes por ano	64,2	36,3	75,4	64,1	59,2	67,6	42,4	40,4	40,7
Originários de famílias com pelo menos filhos Escola Central ou particular por ocasião do ingresso com idade mínima no 1º ciclo secundário	14,6	17,8	19,4	9,5	17,9	18,7	24,9	23,9	13,5
Centro-direita, direita, extrema-direita	3,8	7,2	3,2	12,6	(8)	12,5	19,9	27,9	16,9
Filhos de técnicos de nível superior ou de empresários industriais e grandes comerciantes	41,3	23,2	44,1	32,6	36,2	53,2	30,9	57,4	55,7
Avô paterno das classes altas	56,6	41,7	44	31,3	48	62,6	61,6	63	47,5
Avô materno das classes altas	37,3	51,2	55,7	34,1	54,8	60	53,6	62	48,6
Parisienses	32,4	41,3	41,4	32,6	45,6	53,9	66,6	55,3	46,5

N.B. — O valor maior em cada linha aparece em negro.

(8) — A pergunta não pôde ser feita na Escola Politécnica. Estes resultados foram obtidos através da pesquisa realizada pelo Centro de Sociologia Européia em 1966 e 1967 envolvendo o conjunto dos alunos das Escolas Normais Superiores, da Escola Politécnica, das Escolas de Minas de Paris, Nancy, Saint-Étienne, da Escola Central, da Escola de Altos Estudos Comerciais, da Escola Nacional de Administração, dos Institutos de Estudos Políticos, das Escolas de Agronomia.

(*) Sèvres: Escola Normal Superior para rapazes, sendo o equivalente da Escola Normal Superior (Ulm) para rapazes. recrutam seus alunos por concurso após dois anos de escolaridade e de passagem pelas classes preparatórias. A Escola Politécnica tem como objetivo formar os altos escalões da administração pública e, em particular, os engenheiros das grandes agências do Estado dos quais, depois de 10 ou 20 anos de trabalho, um elevado contingente se transfere para as grandes empresas privadas; a Escola Central destina-se a formar os altos escalões do corpo nacional das Minas, a Escola de Minas forma sobretudo os escalões superiores da indústria e engenheiros/pesquisadores de alto nível científico.

(***) Escola Politécnica, Escola Central de Artes e de Letras, Escola Nacional Superior de Minas de Paris; estas três escolas

Sabemos que o êxito escolar é função do capital cultural e da propensão a investir no mercado escolar (tal propensão dependendo das chances objetivas de êxito escolar) e, em consequência, as frações mais ricas em capital cultural e mais dispostas a investir em trabalho e aplicação escolar são aquelas que recebem a consagração e o reconhecimento da escola²⁷. Sabemos também que a adesão de uma categoria às sanções e às hierarquias da escola depende não somente da posição que esta lhe concede em suas hierarquias mas também do grau em que seus interesses estão vinculados à escola, ou seja, do grau em que seu valor mercantil e sua posição social dependem (tanto no passado como no futuro) da garantia escolar. Tendo em vista tais condições, compreende-se por que o sistema de ensino jamais consegue impor completamente o reconhecimento de seu valor e o valor de suas classificações, a não ser quando suas sanções se exercem sobre classes ou frações de classe que não podem lhe opor outro princípio concorrente de hierarquização. Enquanto as frações mais ricas em capital econômico autorizam e estimulam um estilo de vida cujas seduções são de molde a competir com as exigências ascéticas do sistema escolar, ao mesmo tempo que asseguram e prometem garantias diante das quais as garantias escolares não valem grande coisa ("o diploma não é tudo"), as frações mais ricas em capital cultural nada podem opor à atração exercida pelos signos de consagração escolar que sua dedicação escolar lhes assegura²⁸.

Em suma, a eficácia dos mecanismos pelos quais o sistema de ensino assegura sua própria reprodução encerra seu próprio limite. Se a escola pode lançar mão de sua relativa autonomia para propor e impor suas próprias hierarquias (dentre elas a carreira universitária que é o ápice), só conquista inteiramente a adesão quando prega a convertidos e oblatos, a saber, os filhos de professores ou jovens das classes médias e populares que dela tudo receberam e dela tudo

(27) Para uma análise da dialética da consagração e do reconhecimento mediante a qual a Escola reconhece seus adeptos, isto é, os que reconhecem a escola, ver P. Bourdieu e Monique de Saint-Martin, "A excelência escolar e os valores do sistema de ensino francês", nesta coletânea.

(28) A adesão aos valores veiculados pela tradição católica sem dúvida contribui, em parte, para desviar os jovens das frações dominantes das classes dominantes das carreiras escolares que conduzem às profissões universitárias ou intelectuais. Tal influência pode suscitar uma certa suspeita em relação à ciência e seus valores, ou então, estimular (com a preocupação de assegurar aos jovens "boas relações", quer dizer, a homogeneidade social do grupo de pares e garantias de "moralidade") a escolha de estabelecimentos particulares que como se sabe (mantendo-se iguais as demais condições), apresentam menor rendimento pedagógico. Entre os indivíduos mencionados no *Who's who*, as taxas de antigos alunos de escolas particulares são, respectivamente, 55,3% para a burguesia de negócios, 36,2% para a Justiça, 18,5% para a alta administração e medicina, 16% para a universidade.

esperam. Ao invés de desviar em proveito próprio os jovens das frações dominantes das classes dominantes (como parecem confirmar alguns exemplos cuja repercussão levou a frações mais conservadoras da burguesia a denunciar a corrupção da juventude e, ao mesmo tempo, levou professores e intelectuais a acreditarem na onipotência de suas idéias), impede que os jovens das demais frações e classes possam reivindicar o preço de seus investimentos escolares e obter de seus títulos o lucro econômico e simbólico de que sabem tirar proveito os filhos da grande burguesia de negócios, melhor situados para relativizar os juízos escolares.

A escola conseguiria desviar de forma tão completa em seu proveito as categorias a que concede seu valor mais alto (o que se constata através da diferença entre a qualidade escolar dos alunos da Escola Normal Superior e da Escola Nacional de Administração) se os títulos que oferece fossem possíveis de conversão, em termos paritários, no mercado econômico e político? Os limites da autonomia escolar na produção de suas hierarquias coincidem rigorosamente com os limites objetivamente atribuídos a seu poder de garantir fora do mercado escolar o valor econômico e simbólico dos títulos que outorga. Títulos escolares semelhantes recebem valores e funções bastante variáveis conforme o capital econômico e social (sobretudo o capital de relações legadas pela família) de que dispõem seus detentores e de acordo com os mercados em que são utilizados. Logo, sabemos que o êxito profissional dos antigos alunos da Escola de Altos Estudos Comerciais (recrutados em sua maior parte na burguesia de negócios parisiense) varia muito mais em função da maneira como foi obtido o primeiro posto profissional (através de relações familiares ou por outras vias) do que em função de sua posição no exame final da Escola. Enquanto os técnicos de nível superior filhos de funcionários recebiam em 1962 um salário anual médio de 18 027 francos, os técnicos de mesmo nível filhos de industriais ou grandes comerciantes recebiam 29 470 francos anuais²⁹. Segundo a pesquisa da comissão Bouloche junto a 600 empresas, apenas 2,4% dos 17 000 técnicos empregados nestas empresas são bacharéis ou doutores em ciência ao lado de 37% diplomados por uma grande escola de engenharia. Isto porque os detentores dos títulos de maior prestígio dispõem também de um capital herdado de relações e aptidões que lhes permitem adquiri-los, como por exemplo a prática de jogos e esportes requintados, bem como as ma-

(29) M. Praderie. *Héritage social et chances d'ascension*, in Darras, *Le Partage des bénéfices*. Paris, Editions de Minuit, 1966, pp. 346-347.

neiras e os gostos da boa sociedade, que constituem em algumas carreiras (sem falar das trocas matrimoniais, oportunidades de aumentar o capital social de honorabilidade e de relações) a condição e talvez o fator principal do êxito³⁰. O *habitus* inculcado por uma primeira educação burguesa engendra práticas que, por mais desinteressadas que sejam, são altamente rentáveis na medida que permitem obter o rendimento máximo dos títulos escolares sempre que o recrutamento ou a escalada dependerem de escolha por cooptação ou por critérios difusos e totais (“boa aparência”, “cultura geral”, etc.)³¹. Assim como em uma economia pré-capitalista onde uma garantia vale o que vale o fiador, o diploma vale fora do mercado escolar o que seu detentor vale econômica e socialmente, sendo que o rendimento do capital escolar (forma transformada do capital cultural) depende do capital econômico e social que pode ser utilizado em sua valorização. O filho de industrial egresso da Escola de Altos Estudos Comerciais torna seu diploma apenas um título suplementar para suceder legitimamente a seu pai ou para ocupar o posto de direção que a rede de relações familiares lhe assegura, ao passo que o filho de funcionário contando apenas com seu próprio êxito escolar para alcançar o mesmo título poderá não conseguir o cargo de diretor comercial na mesma empresa³². Em suma, através da análise das características sociais e escolares dos indivíduos mencionados no *Who's who*, o diploma é tanto mais indispensável quando se é originário de uma família desprovida de capital econômico e social. Assim, o sistema escolar só pode garantir completamente o valor dos títulos que outorga em sua própria esfera de reprodução. A posse de um diploma, por mais prestigioso que seja, não é por si mesma capaz de assegurar o acesso às posições mais elevadas e não é suficiente para dar acesso ao poder econômico. Ao contrário, como indica

(30) A parcela de alunos que praticam o *bridge* ou os esportes “elegantes” aumenta quando nos aproximamos do pólo do poder econômico.

(31) O que muitas vezes encontra-se ausente de qualquer análise que tende a considerar os consumos culturais como meros “consumos ostentatórios”, negligenciando as gratificações diretamente palpáveis que se juntam às gratificações simbólicas. A mera ostentação da riqueza material, mesmo que não tenha uma função de legitimação tão evidente como a ostentação cultural, tem pelo menos o efeito junto a certas frações das classes dominantes de confirmar o êxito e atrair confiança, estima ou respeito que, em certas profissões, sobretudo as profissões liberais, podem constituir um fator importante de êxito.

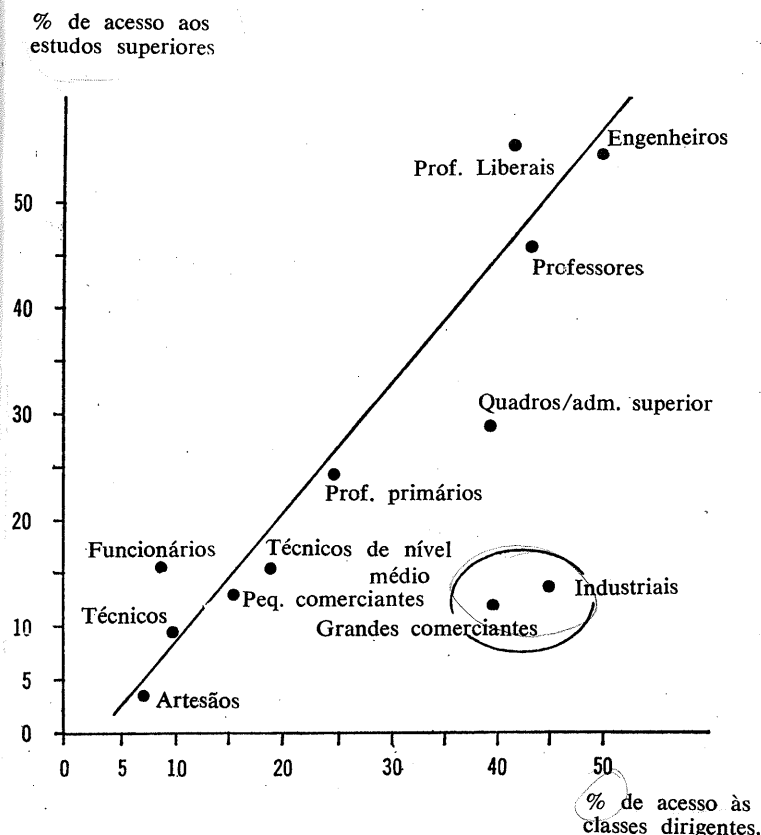
(32) A análise secundária da pesquisa realizada pelo I.N.S.E.E. sobre mobilidade profissional permite estabelecer que a posição ocupada na empresa pelos engenheiros, administradores e técnicos de alta qualificação, encontra-se intimamente vinculada à origem social. Assim, os filhos de professores primários, de professores universitários e de profissionais liberais, são os mais representados em funções de direção enquanto os filhos de operários qualificados, de contramestres e técnicos estão mais representados em funções de produção, fabricação e manutenção.

o diagrama de correlação, o acesso às classes dominantes e, *a fortiori*, às frações dominantes dessas classes é relativamente independente das oportunidades de acesso ao ensino superior para aqueles indivíduos originários das frações mais próximas ao poder econômico e político-administrativo, os técnicos e dirigentes do setor público, os empresários industriais e grandes comerciantes. (Ver diagrama anexo e Quadro 14) ³³. Assim, à medida que nos afastamos da esfera escolar, o diploma parece perder sua eficácia própria de garantia de uma qualificação específica dando acesso a carreiras determinadas de acordo com regras formalizadas e homogêneas, até tornar-se uma simples condição permissiva, um direito de acesso cujo valor poderá ser explorado apenas pelos que detêm um elevado capital de relações sociais (em especial, no caso das profissões liberais). O diploma não passa, em última instância, de uma caução facultativa que serve para legitimar a herança.

Como a estrutura de distribuição do capital cultural não corresponde exatamente à estrutura do capital econômico e político, a autonomia relativa de que dispõe o mercado escolar só parece justificar a ideologia do mérito segundo a qual a justiça escolar forneceria uma espécie de recurso ou revanche àqueles que não possuem outro instrumento a não ser sua "inteligência" ou seu "mérito", quando se quer ignorar, de um lado, que "a inteligência" ou a boa vontade escolar representam tão-somente uma forma particular de capital — que vem juntar-se, na maioria dos casos, à posse do capital econômico e do capital correlato de poder e de relações sociais —, e de outro lado, que os detentores do capital econômico têm mais chances (em comparação com os que não o possuem) de deter também o capital cultural, e por assim dizer, de poder dispensá-lo pois o título escolar constitui moeda fraca cujo valor total só se faz sentir nos limites do mercado escolar.

(33) Ainda que o ingresso nas profissões liberais suponha a posse de títulos escolares elevados, o acesso às posições mais elevadas nestas profissões depende um pouco menos da posse de um capital econômico e social do que no setor industrial e comercial, o que explica a taxa muito elevada de hereditariedade profissional, sobretudo na elite médica onde existem verdadeiras dinastias profissionais.

Diagrama de correlação entre possibilidades de acesso às classes dirigentes e possibilidades de acesso aos estudos superiores conforme a origem social.



Fonte: Pesquisa do I.N.S.E.E. 1964, *Formação, Qualificação e Emprego*, utilização secundária realizada no C.S.E (Centro de Sociologia Européia).

	Política	Outra grande escola	Doutoramento ou licenciatura em Direito	Ciência Política	Escolas menos im- portantes ***	Bacharelado e títulos menores	Total
Administradores, industriais, banqueiros	7,4	8,1	8,9	5,7	7,4	5,7	43,2
Alta administração (inclusive oficiais de patente superior)	5,7	0,8	0,8	0,8	0,8	1,6	10,5
Profissionais liberais	3,2	—	2,5	2,5	—	—	8,2
Engenheiros	4,0	2,5	0,8	1,6	—	—	8,9
Professores	0,8	—	1,6	—	0,8	—	3,2
Professores primários	1,6	—	—	—	—	—	1,6
Fabricantes, negociantes, comerciantes e artesãos	4,0	2,5	4,0	1,6	0,8	0,8	13,7
Pequenos funcionários	2,5	2,5	—	—	—	0,8	5,8
Proprietários de terras e agricultores	2,5	1,6	—	0,8	—	—	4,9
Total	31,7	18,0	18,6	13,0	9,8	8,9	100

Fonte: Estudo do Centro de Sociologia Européia a partir do *Who's who*.
(≠) Classificação das empresas feita pela revista *Entreprise* (novembro de 1969).

(*) Instituto de Estudos Políticos ("Sciences PO"): trata-se de um estabelecimento de ensino superior que inclui quatro seções, sendo que a mais importante é a seção *serviço público* que recebe uma parcela importante dos alunos que se destinam à Escola Nacional de Administração.

(**) Com ou sem licenciatura em direito.

(***) Pequena escola: por essa designação entendemos aquelas escolas que, no mais das vezes, recrutam alunos ao nível do bacharelado a fim de lhes proporcionar uma formação como técnico ou engenheiro durante 2, 3 ou 4 anos. Entre outras, a Escola de Engenharia e de Mecânica Industrial, Escola Especial de Engenharia do Oeste.

8. Estrutura, Habitus e Prática*

Arquitetura gótica e pensamento escolástico é, com certeza, um dos mais belos desafios que já se fez ao positivismo. Pretender que podemos comparar a *Suma* e a catedral, como dois conjuntos inteligíveis compostos segundo métodos idênticos, por exemplo, a separação rigorosa entre as partes, a clareza expressa e explícita das hierarquias formais, a conciliação harmoniosa dos contrários, é expor-se a receber, no melhor dos casos, a homenagem respeitosa e prudente que "uma bela visão do espírito" ¹ merece.

A idéia de que existe entre os diferentes aspectos de uma totalidade histórica, um parentesco de escolha (*Wahlverwandtschaft*) — para falar como Max Weber — ou, conforme dizem os lingüistas, uma afinidade estrutural, não é uma idéia nova. Mas a procura do lugar geométrico de todas as formas de expressão simbólica próprias de uma sociedade e de uma época, partiu antes de uma inspiração metafísica ou mística, que de uma intenção propriamente científica. Não é por acaso que, desde há muito tempo, a arquitetura gótica constitui um dos objetos prediletos do fervor intuitivista. Assim, para citar apenas um exemplo das numerosas interrogações que a "estrutura espiritual" da catedral gótica provocou, Hans Sedlmayr, seduzido pelo encanta-

(1) Cf. L. Grodecki, resenha in *Diogenes*, Vol. 1, 1952, pp. 134-136; E. Gall, resenha em *Kunstchronik*, Vol. 6, 1953, pp. 42-49; J. Bony, resenha in *Burlington Magazine*, Vol. 95, 1953, pp. 111-112; R. Branner, "A Note on Gothic Architects and Scholars", *Burlington Magazine*, Vol. 99, 1957, p. 372 e ss.; resenha anônima in *Times Literary Supplement*, 24 de janeiro de 1958. (Devo estas referências a Erwin Panofsky).

(*) Novo título para o *Postface* que o autor escreveu para a tradução francesa de dois textos de Erwin Panofsky (respectivamente, *Abbot Suger on the Abbey Church of Saint-Denis* e *Gothic Architecture and Scholasticism*), publicados sob o título do segundo, *Architecture Gothique et Pensée Scolastique*, Paris, Minuit, 1967, pp. 135-167. Tradução de Wilson Campos Vieira.